

# ***As redes informais de comunicação, com a participação das mulheres, podem contribuir para a melhoria social?***

**Neusa Maria Bongiovanni Ribeiro**

Jornalista, professora e doutoranda em Comunicação Social  
neurib@portoweb.com.br

neusaribeiro@feevale.br

Centro Universitário Feevale, RS

---

## **Introdução**

Este trabalho traz para a reflexão no GT Comunicación para el Cambio Social do VIII Congreso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación, em 2006, *se as redes informais de comunicação com a participação das mulheres podem contribuir para a melhoria social.*

O tema faz parte da pesquisa de Doutorado em andamento – A mediação das mulheres na constituição das Redes Informais de Comunicação - no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, que dá foco ao estudo de caso de dois grupos de mulheres para análise: um deles localizado pelas práticas de comunicação das mulheres que atuam num atelier informal de produção de calçados, da Cooperativa de Trabalhadores do Calçado do Jardim Liberato/Boa Saúde, em Novo Hamburgo - escolhido por estar numa região estrategicamente próxima ao Centro Universitário Feevale – ao qual esta autora tem vínculo de trabalho - e o outro, pelas práticas de comunicação entre as Mulheres Negras Multiplicadoras em Prevenção de DST/Aids do bairro Restinga, vinculado à Associação Cultural de Mulheres Negras – ACMUN, em Porto Alegre.

Os estudos sobre as *redes informais de comunicação* no Brasil, ou em outros países latino-americanos e europeus hoje, além dos Estados Unidos, dão conta, uma boa parte deles, de relevantes pesquisas<sup>1</sup> que discutem os sistemas tecnológicos como instrumentos para a concretização dessas redes, no cotidiano das pessoas. De certa forma aqueles avanços têm influenciado significativamente em mudanças de hábitos e atitudes para quem tem acesso a eles, diretamente, e para quem ainda não tem acesso, mas que recebe influências por outros meios e formas de comunicação, indiretamente.

Ao comentar sobre a ciberdemocracia e o uso das redes interplanetárias computadorizadas, Lévy afirma que:

---

<sup>1</sup> São inúmeros os trabalhos realizados sobre os sistemas tecnológicos e as redes de informação, contidos na própria Rede Mundial de Computadores e em artigos e livros publicados em diferentes partes do mundo.

*A emergência da Internet a partir do final da década de 1980 e o surgimento da World Wide Web em 1994 prolongaram a precedente evolução da esfera pública, introduzindo ao mesmo tempo elementos radicalmente novos: a interconexão geral, a desintermediação e a comunicação de todos para todos. (Lévy, 2003, p.369)*

Já, Mattelart (Internet, 2005)<sup>2</sup> considera a globalização como um processo geral, político - neoliberal - que se apodera dos termos utilizados pelos movimentos sociais de resistência, com início nos anos 80, como um processo de desregulação e privatização dos sistemas de telecomunicações. Para ele, é verdade que a partir daquele momento se poderia falar de uma desregulação também de todo o sistema, tanto dos conteúdos como das maneiras de vê-los.

MCChesney (2003, p.218-219), compreende que, se acontece uma desregulamentação da mídia comercial e dos mercados de comunicação, acontece para servir os interesses empresariais. Segundo este autor, enquanto antigamente os sistemas de mídia eram primariamente nacionais, nos últimos anos surgiu um mercado global de mídia comercial. Agora já se configuram conglomerados empresariais localizados em grandes megalópoles como Tóquio, Nova Iorque, Hong Kong, Sidney, Madri, São Paulo, Paris, Londres, Buenos Aires e Montevideú, entre outras, que vão se fundindo com outros grupos regionais e dominando os mercados. Assim, segundo MCChesney,

*O consumismo, a desigualdade de classes e o chamado "individualismo" tendem a ser considerados naturais e mesmo benevolentes, enquanto a política, os valores cívicos e as atividades contra o mercado são marginalizados. O melhor jornalismo é afinado com a classe empresarial e adequado a suas necessidades e preconceitos; com algumas notáveis exceções, o jornalismo reservado às massas tende a ser o tipo de conversa fiada fornecida pelos gigantes da mídia em suas estações de TV, nos Estados Unidos.(Mchesney, 2003, p.235)*

Ao se pensar nas condições impostas pelo sistema hegemônico capitalista e as posições políticas nelas contidas para implementação do processo de globalização que acabam interferindo nas relações econômicas, de trabalho, socioculturais e intensificam ainda mais as diferenças entre os grupos que compõem o tecido social, pode-se chegar aos micro-espacos econômicos locais, como os ateliers informais de calçados<sup>3</sup> do pólo calçadista gaúcho<sup>4</sup>, por exemplo, que sofrem na ponta dos negócios, as conseqüências da entrada, no mercado nacional, dos produtos chineses, principalmente.

---

<sup>2</sup> Entrevista para o site especial do Fórum Social Mundial 2005 da Revista do Terceiro Setor - <http://fsm2005.rits.org.br/apc-aa-fsm2005/fsm2005/index.shtml>

<sup>3</sup>Ateliers de costura de calçados e bolsas são os locais de produção que executam algumas etapas do processo produtivo. A mão-de-obra é contratada de forma avulsa, portanto, informal, sem registros em carteira de trabalho. Os trabalhadores contratados são, em grande parte, mulheres, crianças e jovens. Esses ateliers são um novo arranjo do processo produtivo, onde a mão-de-obra demitida anteriormente é re-contratada de forma precária, muitas vezes. Segundo a Associação Brasileira da Indústria do Calçado o resultado da crise que atinge o setor atualmente deve provocar em 2006 a demissão de 25 mil trabalhadores e reduzir a produção em 85 milhões de pares de calçados no mercado. (Notícias – site [www.abicalcados.com.br](http://www.abicalcados.com.br) - 28/02/2006)

<sup>4</sup>As informações dos últimos cinco anos dão conta que a indústria coureiro-calçadista está localizada nos municípios gaúchos de Igrejinha, Parobé, Sapiranga, Campo Bom, Estância Velha e Novo Hamburgo; e os setores industrial metal-mecânico, alimentício e petroquímico, estão mais desenvolvidos nos municípios de São Leopoldo, Sapucaia do Sul, Esteio e Canoas.

No mínimo, nos últimos cinco anos, a produção coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul tem sofrido crises econômicas, uma vez que as ofertas dos produtos externos são de preços competitivos com o mercado interno, o que tem provocado aumento do desemprego local e significativo crescimento da mão-de-obra terceirizada informal<sup>5</sup> - com células de produção doméstica como os ateliers de calçados.

Atividades essas que, de um lado, precarizam os avanços conquistados pelos trabalhadores formais das empresas, exploram a mão-de-obra de mulheres e crianças, em maior escala e, de outro, favorecem aos que não têm carteira de trabalho e nem a chance de trabalhar na indústria, diretamente. Elementos refletidos no cotidiano dos sujeitos produtores de comunicação, em especial das mulheres aqui focalizadas, pois em seu dia-a-dia os processos de trabalho se apresentam fundamentais como modelos de geração de renda, necessária para a sua manutenção e de suas famílias. São elementos que alimentam as informações contidas nos processos midiáticos, e supõe-se que também atravessam as mediações realizadas pelas mulheres, diariamente. Vale ressaltar o posicionamento de Mattelart (1996, p.264), que criticava esse tipo de *globalização* e falava de outro processo de *resistência, mimetismo, adaptação, reapropriação que foi aparecendo na forma de respostas de sociedades singulares à proposta de reorganização das relações sociais, apresentada pelos novos dispositivos de comunicação transnacional, que, simultaneamente, desestruturam e reestruturam os espaços nacionais e locais, identificado pelo autor como mundialização*.

Se entendermos que há elementos comunicacionais que fazem parte das relações sociais, em seus micro-espacos - locais - construídos, que se entrecruzam com os sistemas tecnológicos, ou não necessariamente, pode-se alcançar aquelas redes que acontecem na informalidade das relações e que se concretizam através da comunicação, pois é por elas que se mantêm os vínculos de proximidade na convivência diária, numa processualidade presente e constante, diferentemente daquela implementada através dos sistemas tecnológicos.

As relações de família, de vizinhança, de grupos sociais ainda se apresentam como elementos que sustentam as relações comunicacionais nesses micro-espacos em termos de experiências e trocas, onde se junta a formalidade dos processos midiáticos gerais à informalidade das conversas interpessoais, que vão regendo o dia-a-dia de cada sujeito. Nesse contexto, e observando-se a conjuntura sócio-econômica-cultural de grupos sociais que historicamente têm constituído a grande maioria da população de baixa renda no Brasil, destaca-se o papel das mulheres no que se refere ao seu entendimento enquanto seres sociais e de comunicação, que realizam ações e promovem o estímulo a novos processos comunicacionais, em diferentes grupos em que vão se inserindo. Seja na organização familiar, no trabalho fora de casa, nos grupos de convivência comunitária como a igreja, os clubes de mães, as escolas, as associações e os sindicatos, as mulheres assumem papéis relevantes, contribuindo decisivamente para o desenvolvimento local.

---

<sup>5</sup> Numa análise centrada nos processos hegemônicos capitalistas e neoliberais - segundo Montañó (2003:182) - terceiro setor é aquele que se compõe da sociedade civil e sua representatividade (através de todas as entidades organizadas) e contrapõe-se ao primeiro setor (Estado), e ao segundo setor (Mercado). Terceirização é um termo utilizado por segmentos do Terceiro Setor que caracteriza a contratação de mão-de-obra informal, já fazendo parte do vocabulário dos trabalhadores e empresários de maneira geral, uma vez que se realiza sem registros na carteira do trabalho, e apresenta uma remuneração diferenciada no mercado. Muitas vezes a remuneração - nem sempre compensa as diferenças em relação ao salário formal - mas na condição de prestadores de serviços os trabalhadores se submetem às condições oferecidas, que supostamente devem cobrir as despesas com taxas da previdência, etc. (nota da autora).

## As redes informais de comunicação e seus nós

Há que se entender melhor, observar e analisar *as redes informais de comunicação*, aqui tratadas como um elemento de destaque dos estudos em andamento sobre o tema, com a participação das mulheres.

Vem da Idade Antiga, em que padres, cavaleiros e escravos exerciam marcadamente suas funções na China, América, Grécia e Roma, com as devidas modificações, a organização da sociedade com seus contratos tácitos de civilidade, para que os sujeitos que nela se insiram, exercitem também suas funções, apesar das contradições, tensões e explosões presentes na vida social dos seres humanos. Por isso, a organização das redes sociais e, portanto, de comunicação já na Idade Média, e mais intensamente durante a Modernidade e a Pós-modernidade, se não é harmoniosa, ao menos evoca a idéia de alguma coisa completa em si, de uma formação de

contornos nítidos, de uma forma perceptível e uma estrutura discernível e mais ou menos visível. Para Elias, no entanto, as sociedades não têm essa forma perceptível:

*Não possuem estruturas passíveis de serem vistas, ouvidas, ou diretamente tocadas no espaço. Consideradas como totalidades, são sempre mais ou menos incompletas: de onde quer que sejam vistas, continuam em aberto na esfera temporal em direção ao passado e ao futuro. Os pais, filhos de pais, são seguidos por filhos e as mães, por filhas. Trata-se, na verdade, de um fluxo contínuo, uma mudança mais rápida ou mais lenta das formas vivas; nele só com grande dificuldade o olhar consegue discernir um ponto fixo. (Elias, 1994, p.20)*

O autor citado comenta que a organização da sociedade depende do papel que cada sujeito exerce e está preso a certo ritual no trato com os outros e a formas específicas de comportamento. Elias (1994, p.21) afirma que *a ordem invisível dessa forma de vida em comum que não pode ser diretamente percebida oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamentos possíveis.*

Para formular conteúdo sobre as redes informais de comunicação foi-se buscar, como ponto de partida, os diferentes sentidos dados à palavra redes, que, seja expressa oralmente através da fala, ou pela escrita, logo surge no imaginário das pessoas, em geral, a partir da idéia literal de um objeto visível constituído de uma trama de fios interligados por nós. Portanto, há uma tecitura irregular, uma trama, uma teia, em diferentes direções que se interligam por determinados pontos amarrados entre si, chamados nós. A representação da palavra que cria a imagem vem sendo metaforicamente adaptada para configurar outras redes – inclusive o traçado entrelaçado e ramificado das vias de comunicação.

Segundo Babo,

*Estradas ou transportes, esgotos ou eletricidade, fibra óptica e telefônica, elas constituem as chamadas infra-estruturas urbanas atuais sem as quais a própria idéia de urbano seria impensável. Encontra-se ainda uma extensão orgânica da idéia de rede, já que ela pode ser também sangüínea, nervosa, etc., apontando para a complexa interconexão das fibras, nervos, neurônios e fluxos de que é constituído o corpo vivo. (Babo, 2002, p.387)*

A autora citada afirma que a rede tornou-se uma figura comum, um conceito generalizado. Mas é do conjunto de elementos heterogêneos que se constituem as redes de comunicação e se formulam novos conhecimentos, onde o texto dito, explícito, num discurso, isto é, numa fala, pode aparecer carregado de interpretações e intenções, portanto aberto à contaminação dos seus contextos mutáveis, como afirma Babo (2002:388-389). Ao se referir à escrita e à origem do livro, a autora comenta ainda que o livro enquanto médium inscreve o texto no circuito comunicacional – autor, livro, leitor – delimitando-lhe origem e destino, época e espaço. O texto-livro é um *texto-ilha, que dá lugar à ideologia da obra como finalidade em si, autônoma e soberana.*

Sobre os processos de comunicação em rede, Babo afirma:

*Independentemente do estatuto dos nós que tende a diferenciar-se na dinâmica das redes, acrescenta-se ainda que estas são estruturas abertas até o infinito, integrando continuamente novos nós capazes de comunicar entre si, o que implica partilharem os mesmos códigos de comunicação. A concepção de rede informacional deixa de se restringir a uma projeção na superfície, ligada à figura da malha, para ganhar uma dimensão volumétrica capaz de uma complexificação interrelacional, quer no interior de uma rede específica de fenômenos, quer na sua interconexão com outras redes. (Babo, 2002, p.390)*

Há, no entanto, outras referências feitas pela autora sobre a metáfora das redes, que implicam em algumas reflexões significativas – ora, se as redes na sua dimensão textual, fechadas, abarcam questões relacionadas às identidades dos sujeitos, aquelas trabalhadas via computadores, interconectadas pela Internet trazem em si *um lugar de dissolução da identidade, já que se dá um apagamento dos rostos, dos nomes, em singularidades provisórias e aleatórias, mais de acordo com as configurações temporárias dos desejos do que com as suas representações.* Para ela, *o sujeito não utiliza a rede, mas liga-se em rede, ou desliga-se intermitentemente* (Babo, 2002, p.390).

Ao tentarmos localizar o conceito de redes, se pensarmos no que elas também representam no sentido da captura de elementos diferenciados, metaforicamente falando, pode-se associar este pensamento ao que Elias afirma:

*Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais e decerto não menos fortes. É essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos "sociedade". (Elias, 1994, p.22)*

Pode-se afirmar que a constituição da sociedade acontece, entre outros aspectos, com a instauração de regras e regulamentos que forjam uma série de comportamentos que os sujeitos vão desempenhando ao longo da vida. Isto também se reflete na constituição de diferentes segmentos de relações, que se pode identificar como *redes de comunicação* com seus fluxos e continuidades.

Para Bourdieu a formulação de um *habitus social* está vinculada a dois estados da história: *a história objetivada e a história incorporada* pelos sujeitos, individual ou coletivamente:

*A razão e a razão de ser de uma instituição (ou de uma medida administrativa) e dos seus efeitos sociais, não está na 'vontade' de um indivíduo ou de um grupo mas sim no campo de forças antagonistas ou complementares, no qual, em função dos interesses associados às diferentes posições e dos habitus dos seus ocupantes, se geram as vontades e no qual se define e se redefine continuamente, na luta – e através da luta – a realidade das instituições e dos seus efeitos sociais previstos e imprevistos. (Bourdieu, 2000, p.81)*

O autor citado ressalta que se estabelece uma *cumplicidade ontológica* na medida em que a história que freqüenta o *habitus* e o *habitat* humanos, e, portanto, a *história sujeito*, descobre-se ela própria na *história objeto*, quando os *agentes atuantes dessa ação histórica assumem seus investimentos anteriores, interessam-se por seu funcionamento e adotam aptidões necessárias para a pôr a funcionar.*

Regras e regulamentos vão se instaurando na sociedade, entre outros aspectos, para que se forjem uma série de comportamentos desempenhados ao longo da vida, pelos sujeitos cidadãos. Isto é vivenciado diariamente e se reflete na constituição de diferentes segmentos de relações, que se pode identificar como redes de comunicação com seus fluxos de continuidades.

A localização de estudos do sociólogo Niklas Luhmann, por exemplo, a partir de 1962, sobre a Teoria Social dos Sistemas, constitui fator de relevância para compreender-se a estruturação daquelas *redes*, uma vez que *a sociedade é o sistema abrangente de todas as comunicações, que se reproduz autopoieticamente, na medida em que produz, na rede de conexão recursiva de comunicações, sempre novas (e sempre outras) comunicações....*

A contribuição que Luhmann trouxe para a discussão, de idéias que extrapolavam a individualidade humana, apresenta três elementos significativos no estabelecimento das relações sociais: *com referência à linguagem, com referência à relação entre indivíduo e sociedade e com referência à racionalidade.*

Seus estudos, baseados na Teoria dos Sistemas, de Spencer Brown<sup>6</sup>, que identificam a “sociedade como comunicação”, onde as pessoas concretas não são partes da sociedade, mas do ambiente, indicam a linguagem como conector de diferentes sistemas. Ao referir-se à linguagem, Luhmann (1997, p.84) assenta seus argumentos no conceito de “acoplamento estrutural”, introduzido por Humberto Maturana, (Calvino, 1988, p.143-243 *ess*) que, tem a tarefa de indicar como sistemas autopoieticos, operacionalmente fechados, podem existir num ambiente que, por um lado, é pré-requisito da autopoieses<sup>7</sup> do sistema e, de outro, não intervém nesta autopoieses. Dessa maneira, novos acoplamentos estruturais vão constituindo-se na medida

---

<sup>6</sup> Referência feita por Luhmann (1997:84) ao fazer suas colocações sobre a Teoria dos Sistemas.

<sup>7</sup> O termo forjado por Maturana desde 1963 que expressa o mecanismo, até certo ponto dialético do operar biológico, foi o de autopoieses. Refere-se aqui à criatividade autônoma que emana e define todo organismo. Mas o que torna uma organização autopoietica é a natureza reflexa de seu operar. Entre organização e autopoieses há uma diferença de grau, se é que pode ser chamada assim. Autopoietica é a organização que não possibilita a distinção entre produtor e o seu produto. Ou seja, 'fazer' e 'ser' é uma e a mesma coisa. (Artigo: Fundamentos biológicos da mente e do conhecimento e suas implicações nas ciências humanas – 2001 – Érico Lopes Pinheiro de Paula [http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/erico\\_lopes.htm](http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/erico_lopes.htm))

em que a tecitura dos sistemas compõe-se, auto e hetero-referencialmente. Esses estudos tornam-se contemporâneos, na medida em que pode-se relacionar os elementos tratados por Luhmann na constituição de sistema social, com o que se compreende como redes. O autor destaca:

*...é possível ilustrar bem com o conceito de comunicação que a sociedade é um sistema que se auto-observa e autodescreve. Mesmo a comunicação mais simples só é possível numa rede de conexão recursiva de comunicação passada e futura. Uma tal rede pode tematizar-se a si mesma, pode informar sobre a própria comunicação, pode colocar em dúvida informações, recusar aceitação, normatizar comunicação permitida e não permitida respectivamente, etc.- somente na medida em que isso ocorra, por sua vez, na forma operacional de comunicação. (Luhmann, 1997, p.82).*

Diante das citações acima, pode-se pressupor que as redes informais de comunicação são sistemas autopoieticos – isto é, que se auto-reconstróem e se conectam ou se acopla estruturalmente, através de pontos comuns com outros sistemas internos e externos e realizam operações de comunicação, no sistema social maior. Nesses sistemas, tradição, cultura e modernidade são elementos presentes da vivência da humanidade em diferentes ambientes, embora alguns autores comentem sobre a fragmentação do conhecimento, inclusive com a ruptura do que seja tradição para novos valores colocados através de tecnologias adaptadas aos meios de comunicação.

Luhmann dá destaque à separação entre linguagem e consciência, assim como há, também, para ele, uma separação entre sociedade e indivíduo:

*A comunicação sempre tem, na rede de conexão recursiva de suas próprias operações, outros precedentes – e outros eventos subseqüentes além daquilo que se processa no domínio de atenção de uma consciência individual. Não há nenhum tipo de superposição ao nível operacional. Trata-se de dois sistemas diferentes operacionalmente fechados. Decisivo é que a linguagem consiga acoplar os sistemas, apesar de, exatamente nos seus diferentes modos de operar. A linguagem realiza isto por salientar-se artificialmente no meio acústico dos ruídos e, a seguir, no meio ótico dos caracteres escritos. Ela pode fascinar e centrar a consciência e simultaneamente reproduzir comunicação. Sua função não reside, conseqüentemente, na intermediação de referência a um mundo exterior, mas exclusivamente ao acoplamento estrutural.(Luhmann, 1997, p.85)*

Muitos são os dados sobre as redes na Internet. No entanto, destacam-se no site da Rede de Informações sobre o Terceiro Setor ([www.rits.org.br](http://www.rits.org.br)) informações que se aproximam do conceito de outros autores, considerando-se não apenas uma estrutura operacional mas as diversidades que podem estar contidas nela. Observando a origem da palavra do latim *retis*, a aplicação de maior destaque aconteceu inicialmente entre 1920 e 1930 quando os estudos da Biologia localizavam as teias alimentares e os ciclos da vida:

*A partir da noção de entrelaçamento, malha e estrutura reticulada, a palavra rede foi ganhando novos significados ao longo dos tempos, passando a ser empregada em diferentes situações. A organização em rede enquanto fato histórico existe há bastante tempo. Citamos dois exemplos de articulação solidária ou organização em rede historicamente inquestionáveis: na idade Média, quando uma estrutura feudal dividia a sociedade em 3 ordens absolutamente hierarquizadas, o povo*

*se organizava em "laços de solidariedade horizontal". E a articulação de judeus do mundo todo para salvar os compatriotas condenados aos campos de concentração na Europa? Trata-se de um exemplo de iniciativa em rede que simplesmente salvou milhares de pessoas do holocausto. (www.rits.org.br )*

Autores como Castells trabalham também com a idéia de *redes de comunicação* ao tratarem dos processos *mediáticos* e das relações comunicacionais que são produzidas a partir dos próprios meios de comunicação de massa. E não só deles – os usos dos meios em suas diferentes situações comunitárias, isto é, a mídia alternativa, também se apropria dessas relações.

Mattelart (2002, p.186) localiza a fundação da União Telegráfica Internacional no dia 13 de abril de 1865, em Paris, como um dos marcos para o desenvolvimento das *redes de comunicação* na história da humanidade. A partir da organização dos telégrafos os fluxos de circulação da informação se modificaram em todo o mundo.

Santos (2004, p.261) observa que, *segundo D. Parrochia, é com Lavoisier, na passagem do século XVIII para o século XIX, que, com a química, aparece "a verdadeira ciência da ligação e da comunicação das substâncias", reclamando "instrumentos teóricos que estão na origem do conceito científico de "redes".* Afirma Santos (idem) que, no entanto, a polissemia do vocábulo tudo invade, afrouxa o seu sentido e, pode, por isso, prestar-se a imprecisões e ambigüidades quando o termo é usado para definir situações.

Villasante (2002, p.28) aborda o caráter mais abrangente das *redes*, ao afirmar que *por trás de cada mobilização concreta ou de cada rede de associações, há algo mais que o manifesto; não é só a atividade ou a reivindicação expressada, há estilos e culturas sociopolíticas em jogo.*

À parte de seu conceito estético, físico, material, pode-se dizer que o que está na base do sentido que interessa na pesquisa em foco, é o conceito que perpassa pelas relações sociais e de comunicação, aquele em que as pessoas estão presentes e realizam trocas de mensagens e negociações, utilizando-se de diferentes suportes tecnológicos para tanto. Torna-se importante considerar o desenvolvimento tecnológico dos últimos dez anos, em que o conceito de redes – que interconectam os movimentos sociais – tem se multiplicado quase que diariamente. Um desses movimentos – o feminista – também tem se utilizado desses instrumentos, como a Rede Mundial de Computadores (Internet), por exemplo. Relevantes são, também, os estudos realizados sobre esses processos alternativos de comunicação, como explicita Francisco Whitaker:

*Uma estrutura em rede – que é uma alternativa à estrutura piramidal – corresponde também ao que seu próprio nome indica: seus integrantes se ligam horizontalmente a todos os demais, diretamente ou através dos que os cercam. O conjunto resultante é como uma malha de múltiplos fios, que pode se espalhar indefinidamente para todos os lados, sem que nenhum dos seus nós possa ser considerado principal ou central, nem representante dos demais.(Whitaker, Internet, ,1999)<sup>8</sup>*

---

<sup>8</sup> www.economiasolidaria.com.br, 1999.

Contemporaneamente, pode-se dizer que as redes informais de comunicação são aquelas redes que acontecem a partir das relações de vizinhança, no bairro, para a difusão da informação, que se estendem das relações de construção coletiva de ações para melhoria da qualidade de vida de diferentes comunidades e seguem procedimentos que podem estar configurados em determinadas rotinas e gramáticas próprias, ou não. Esses processos enquadram-se nas mais diferentes experiências culturais, realizadas no mundo.

## Questões de Gênero

Se as *redes informais de comunicação* podem se constituir no 'chão' da sociedade, interconectando-se nas trocas dos saberes diários, cotidianos, de cada sujeito produtor de comunicação, destaca-se para os saberes femininos os seus usos com outros elementos de suporte das tecnologias da comunicação, na tentativa de estimular a melhoria da qualidade de vida, dos grupos onde elas se inserem. E, segundo Fischer (2000, p.91), algumas pesquisas realizadas com mulheres, nos Estados Unidos, reforçam a habilidade da melhor expressão com a organização das idéias e o uso de um vocabulário mais complexo.

Mesmo suscitando a polêmica, a autora explica que esses são fatores que levam muitas mulheres a exercer diferentes funções nos meios de comunicação social. No entanto, poucas alcançam cargos de direção executiva, na maioria sob o domínio de homens. Mas as mulheres estão atuando como redatoras, produtoras, locutoras, arquivistas e outros postos jornalísticos intermediários, tanto no rádio, como na televisão e no jornal, em diferentes lugares do mundo.

Para Mata, que analisa a participação de mulheres em programas de rádio popular em países da América Latina, há distinção na compreensão da mulher para a transmissão da informação:

*Nenhum fato comunicativo – como nenhum fato cultural – pode ser pensado produtivamente se for deixada de lado a "perspectiva de gênero", esse ponto de vista que de maneira permanente e intencional trata de incluir como aspecto-chave da análise a diferença historicamente estabelecida entre homens e mulheres no campo da linguagem. (Mata, 1997, p.23)*

Na perspectiva citada pela autora, o aproveitamento das mulheres negras do bairro Restinga de Porto Alegre, no desenvolvimento de suas ações voluntárias na divulgação de informações as estimulou a participar do projeto da jornalista Isabel Clavelin, o *Reaprendendo a Comunicar – A Voz das Mulheres Negras do Gueto pra Fora*. Por meio de encontros semanais, de julho de 2004 a março de 2005, o grupo, formado por dez mulheres negras foi capacitado a pensar sobre a comunicação que recebem e a que podem produzir.

Beauvoir comenta que a condição feminina é dada pela própria estrutura da sociedade, mas indica que há outros fatores que vão formatando esses saberes durante a infância e a adolescência:

*Jogos e sonhos orientam a menina para a passividade; mas ela é um ser humano antes de se tornar uma mulher; e já sabe que aceitar a si mesma como mulher é demitir-se e mutilar-se; e se a demissão é tentadora, a mutilação é odiosa.... [...] O fardo da liberdade não é pesado às crianças porque não implica responsabilidade; elas se sentem em segurança junto dos adultos: não têm a tentação de fugir delas próprias. Seu impulso espontâneo para a vida, seu gosto pelo jogo, pelo riso,*

*pela aventura, leva a menina a achar o círculo materno estreito, abafante. Ela gostaria de escapar à autoridade da mãe. (Beauvoir, 2000, p.35-36)*

A discussão feita por Fisher e Beauvoir tem origem na ancestralidade do ser humano, pois, segundo Fisher (2000:33), as mulheres primitivas tinham que criar seus filhos e os defender do perigo dos animais e do próprio homem, que se irritava com suas ações. Afirma que *as mães tinham que realizar incontáveis labores cotidianos, além de cozinhar, pois tinham que manter o fogo aceso e falar com suas amigas.*

De outra forma, na segunda metade do século XX, mais precisamente na década de 70, a situação de escravidão vivenciada por mulheres de Bangladesh<sup>9</sup>, relatada por Yunus (2002, p.120), entre outros registros, dá conta de uma realidade em que as práticas ligadas à obrigação estabelecida pelo Alcorão não permitem que as mulheres saiam de casa sem autorização dos maridos. E, por causa do purdah, um dos preceitos mais conservadores do islamismo, outros homens não as podem ver, a não ser parentes masculinos mais próximos. Essa prática foi um dos obstáculos enfrentados para o desenvolvimento do projeto de microcrédito implantado pelo economista citado, que visava as mulheres como beneficiárias dos empréstimos bancários a baixas taxas de juros, para melhoria da sua qualidade de vida e de suas famílias.

A experiência inicialmente acadêmica e posteriormente comercial, que dura ainda hoje, alcançou mais de dois milhões de membros associados e o *Grameen* considerado *o banco dos pobres* tem mais de mil agências em Bangladesh, com mais de 10 mil empregados. Sua expansão, a partir dos primeiros contatos em 1977 realizados com as mulheres pobres, atinge atualmente 58 países, seguindo a mesma filosofia inicial. As questões socioeconômicas presentes na base da sobrevivência da população daquele país, aliadas às questões religiosas e culturais, foram os elementos estimuladores para a intensa participação das mulheres, que perceberam na proposta apresentada, saídas eficientes para diminuição do grau de pobreza que enfrentavam, como afirma Yunus:

*A pobreza não foi criada pelos pobres, mas pelo modo como a sociedade se estruturou, assim como pelas políticas implantadas. Se alterarmos sua estrutura, como fizemos em Bangladesh, as condições de vida dos pobres se modificam. Todos os financiados que ajudamos no Grameen nos levaram a concluir, sem medo de errar, que com uma ajuda financeira, mesmo pequena, os pobres são capazes de mudar totalmente de vida. Alguns precisavam de 20 dólares, outros de 100, outros ainda de 500 dólares; alguns queriam descascar arroz, outros fabricarem vasos ou panelas de barro ou comprar gado. Contudo, é importante observar [...] que nenhum dos nossos financiados sentiu necessidade de algum treinamento especial, por menor que fosse. Suas atividades cotidianas, em casa ou em seu campo de trabalho, lhes tinham garantido uma autoformação. Tudo o que precisavam era de capital. (Yunus, 2002, p.264)*

---

<sup>9</sup> Bangladesh é um dos países mais pobres da Ásia, onde o economista Muhammad Yunus desenvolveu um projeto de microcrédito buscando a participação das mulheres como agentes que retiravam financiamentos do Grameen Bank para melhorarem suas condições de vida doméstica.

Se pensarmos que as *redes informais* são carregadas de *nós* - como numa trama de fios cheia de conexões que se comunicam e se transmutam através de fluxos, contatos e mediações presentes na constante dinâmica social - pode-se encontrar os elementos citados acima, ainda presentes na mulher do século XXI.

E mesmo que as tecnologias venham para revolucionar os contatos interpessoais, através dos usos dos meios de comunicação, há realidades que só modificam pela própria ação humana, direta, no cotidiano de cada sujeito, nas suas localidades com suas próprias articulações, que vão aparecendo no coletivo. No caso do grupo de mulheres da CooperUnião, do bairro Boa Saúde, o que as tem desafiado permanentemente é a necessidade de geração de renda para completar a renda do marido e de outros membros da família, ou até mesmo, que a sua renda seja a principal da manutenção familiar. A forte carga emocional expressa nos depoimentos, como o de Vanilda, atual presidente da cooperativa, demonstram as dificuldades enfrentadas para prover a família de alimentação, inclusive, até porque o marido permanece desempregado por mais de um ano. Essas situações vivenciadas pelas mulheres colocam em risco, muitas vezes, a operacionalidade do grupo que se sente atingido pela falta de oportunidade de trabalho, apesar da busca constante de contratos em empresas da região.

Se Martín-Barbero trabalha as questões locais como uma viabilidade mais real e concreta para a criação de alternativas de melhoria da qualidade de vida, reconhecendo na organização dos bairros, *processos de mediações*, Holloway fala de um *desafio revolucionário* no começo deste século, que é *mudar o mundo sem tomar o poder*. Afirmo o autor:

*A idéia de tomar posições de poder, seja a do poder governamental ou outras posições de poder mais dispersas na sociedade, não compreende que o objetivo da revolução é dissolver as relações de poder, criar uma sociedade baseada no reconhecimento mútuo da dignidade das pessoas. O que falhou é a idéia de que a revolução significa tomar o poder para abolir o poder. O que agora devemos tratar é a idéia muito mais exigente de uma superação direta das relações de poder. A única maneira de se imaginar agora a revolução é como a dissolução do poder, não como sua conquista. (Holloway, 2003, p.37).*

E assim como o autor está tratando de um poder instaurado nas próprias relações interpessoais, que se pode ver aqui, inclusive, como as estabelecidas entre homens e mulheres - há aquelas que se referem às estruturas institucionais, hierárquicas, impostas pelo sistema econômico e político de grande parte dos países do mundo. Se isto acontece em nível macro, em administrações maiores de um sistema, nas quais, os interesses vão além do que se pode compreender, há também a disputa pelos micro-poderes presentes nas tramas mais singelas das relações sociais.

Ao pensar-se nas mulheres do bairro Restinga, pode-se relacionar suas realidades e a perda de parentes envolvidos em drogadição com a *prisão* a que se refere Holloway, da *teia da aranha*. E se pode considerar pertinentes as seguintes indagações feitas pelo autor (2003: 36): *O Estado é apenas um nó de uma rede de*

*relações de poder. Mas não estaremos sempre presos a uma rede do poder, não importa de onde começemos? A ruptura é realmente concebível? Não estamos presos a um círculo sem fim de poder?*

No caso citado, há algo da dimensão humana, maltratado e contraditório, presente nas histórias daquelas mulheres, que vem embutido na desigualdade econômica, nas questões políticas, na carência de realização de muitos sonhos e desejos, mas que é possível ser dito. E esse fato de poderem expressar seu pensamento não será um *grito* de liberdade? De buscar saídas para esse tipo de *prisão*?

Se para Beauvoir (2002, p.464) que analisou o papel feminino na sociedade que vivenciava o início da era industrial, a mulher era educada no respeito à superioridade masculina, fomentando a ocupação do primeiro lugar pelos homens, para Fisher (2000, p.67), as mulheres ainda são atraídas pela sedução masculina, no exercício de cargos de poder na escala hierárquica da sociedade, também presentes nas relações de casamento.

O que faz parte de um processo de rejeição e negação, em muitos momentos torna-se contraditório, e atraente. Mas há outras ações desenvolvidas pelas mulheres, como a facilidade de organizar-se e reunir-se em grupos igualitários, não hierárquicos e cultivar redes de contatos.

Nas conversações com as mulheres dos dois grupos da pesquisa, nota-se uma desenvoltura marcada por um vocabulário desenvolvido a partir de suas vivências, de suas ações comunicativas comunitárias, e percebe-se o grau de compreensão para os problemas sociais que enfrentam ao trabalhar com outras mulheres. É o que Mata refere-se à recuperação da dignidade pelo exercício da palavra:

*O exercício da palavra como via de recuperação da dignidade, como passo da condição de coisa à de sujeito de pleno direito é um exercício de ingresso na cena pública, de extensão das competências lingüísticas socialmente determinadas, de construção de uma nova identidade: a da mulher que assume papéis tradicionalmente designados aos homens em termos de representação social, em termos de participação e liderança". (Mata, 1997, p. 27)*

Ao ocuparem espaços de maior visibilidade, considerando-os de seu pertencimento, as mulheres burlam a regra geral imposta pelo mundo masculinizado, quando esse entende que o silêncio de fala muitas vezes significa exclusão de um processo de construção da sociedade. Mata aborda essa questão:

*Nesse sentido, o silêncio feminino, ao qual tantas vezes se alude para fundamentar a necessidade de desenvolver estratégias e práticas orientadas a devolver a voz à mulher, não é pensado como ausência de palavra, mas basicamente como exclusão de um determinado espaço e como um veto, quer dizer a desqualificação para nomear o que excede ao campo assinalado socialmente às mulheres e para expressar-se nele. (Mata, 1997, p.26)*

Ao tratar-se das *redes informais* está se tratando daquelas redes abertas, onde as relações sociais são *relações comunicacionais* na sua essência, que se vinculam aos lugares, aos próprios espaços de moradia, ao sujeito enquanto um ser que tem identidade e que reconhece o seu parceiro como alguém que tem identidade na comunidade, no bairro, na vizinhança. Pressupõe-se que sejam processos que se estabelecem na efemeridade das relações a partir do interesse coletivo momentâneo, isto é, as *redes informais de comunicação* se estruturam e se desfazem no cotidiano das vivências dos sujeitos, na junção daqueles elementos comunicacionais que os mobilizam a realizar algo que transforme esse cotidiano.

A idéia da *informalidade* presente na constituição das *redes de comunicação* que se quer destacar neste trabalho é aquela presente nas relações cotidianas comunicacionais, e que se encontra nos estudos e registros pesquisados muito mais vinculada às relações interpessoais e às suas subjetividades e intersubjetividades nos micro-espacos locais, do que naqueles registros que tratam das relações socioculturais mais amplas, inclusive sob os aspectos que envolvem os usos de tecnologias de última geração. Este é o motivo do uso da expressão *redes informais de comunicação*, com a intenção de tratar especificamente daquelas redes de relações comunicacionais que acontecem atravessadas pelos usos dos meios de comunicação, nas experiências e trocas, e na construção de sentido que é feita e capturada pelos sujeitos no seu dia-a-dia e, aqui em especial pelas mulheres dos dois grupos observados. Essas redes informais tanto acontecem na inclusão da estrutura familiar quanto em outros âmbitos – na vizinhança, na escola, no trabalho, nos clubes, na igreja – enfim, e elas têm uma temporalidade efêmera, na medida em que só acontecem quando há encontros e possibilidades de diálogos entre as pessoas. Portanto, a questão da temporalidade presente na sua estrutura também acontece de acordo com o ritmo e a temporalidade da vida dos sujeitos que se encontram em diferentes situações e experiências que possam resultar em novas trocas e procedimentos, aqui consideradas *mediações*.

Para Villasante a cultura patriarcal e separada da sociedade gera o aparecimento de *grupos animadores* nas *redes* da cidade que tratam de desenvolver seus princípios ideológicos sempre com uma certa formalidade. O que não é o caso daqueles grupos que formam um *tecido social informal*, apesar de reproduzirem o *esquema patriarcal*, inclusive muito menos intelectualizado e muito mais direto em mostrar as *contradições patentes das suas formas de linguagem*. Afirma o autor:

*As turmas de jovens, os grupos de machos adultos que trabalham juntos ou que jogam uma partida, as mulheres que se reúnem nas suas vizinhanças, atuam como micro-redes (rizomas ou raizinhas que se tramam) dentro de redes mais amplas que se superpõem a elas, para as diferentes facetas da vida cotidiana. [...] Os estereótipos, tópicos ou lemas que se manipulam informalmente têm uma finalidade defensiva de uma identidade local ou setorial (Pitt-Rivers, 1987) e permitem que os "comunicadores" decodifiquem e codifiquem, na sua própria linguagem local-setorial, o que vem de fora de sua identidade particular nas de redes de comunicações. (Villasante, 2002, p.36)*

De acordo com o que diz o autor citado, a formulação do saber acaba passando por um processo de construção, onde *não importa tanto o que se vê pela TV, por exemplo, como o que se comenta sobre as*

*tantas mensagens que se recebe ao longo do dia.* No entanto, a cidadania se fortalece, atravessada pelas redes que comportam a livre circulação de informações – a livre intercomunicação horizontal – acrescentando, a quem delas participa, novos conceitos de cultura, de experiências diversas, de memória coletiva, na sua própria identidade. Para Castells (2001) *a construção da ação social e política gira em torno da identidade como princípio organizativo.*

Por sua vez as *redes* têm alcançado visibilidades de demandas, agregado conhecimento, efetivado diagnósticos e contribuído na elaboração de propostas de melhoria da qualidade de vida das comunidades onde elas atuam. Têm sido importantes nas interconexões dos movimentos, propiciando a troca de conhecimento através desses processos comunicacionais estabelecidos.

O relevante aqui é a percepção de um poder individual, a partir da tomada de consciência de seus saberes comunicacionais e comunitários que se reflete na relação que estabelecem por exemplo, a partir de uma ordem institucional. Essas mulheres pensam na comunicação como um elemento educador, de construção de processos de formação do seu cotidiano, e discutem com as outras mulheres essa possibilidade de usarem um veículo comunitário para transmitir mais informação a mais pessoas.

É importante pensar no que os veículos informam, de que forma e com que conteúdo, que passa pelo enquadramento de *massa* e *massivo* desconsiderando os meandros dos micro-poderes, das lideranças comunitárias e não retratando uma *primeira* realidade das diferentes comunidades. Pensa-se nas *mediações* que esses meios fazem, deixando brechas para os usos alternativos da comunicação através dos jornais, das rádios e das tvs comunitárias. Pensa-se nos resultados dessas *mediações* provocando nas comunidades outras possibilidades de *leituras críticas* e construindo a partir dessas mídias, outros *poderes* coletivos, de efetiva transformação da realidade.

## Referências

- BABO, M.A. 2001. In *A cultura das redes.* (Actas do Congresso ICNC 2001). Organização de Maria Lucia Marcos e José Bragança de Miranda. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2002.
- BEAUVOIR, S. 2000. *O Segundo Sexo.* A experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- BOURDIEU, P. 2000. *O poder simbólico.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. trad. de Fernando Tomaz.
- BOURDIEU, P. 1998. *Contrafogos.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- CASTELLS, M. 2000. *A era da informação: economia, sociedade e cultura - O poder da identidade.* Vol.2, 2ª Ed., Paz e Terra, São Paulo.
- CASTELLS, M. 2001. *A era da informação: economia, sociedade e cultura - A Sociedade em Rede.* Vol.1, 5ª Ed., Paz e Terra, São Paulo.

- ELIAS, N. 1994. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- FISHER, H. 2000. *El primer sexo – las capacidades innatas de las mujeres y como están cambiando el mundo*. Traducción de Eva Rodríguez Halffter y Pillar Vásquez. Taurus, Buenos Aires.
- LÉVY, P. 2003. *Pela ciberdemocracia*. In MORAES, Dênis de (org). Por uma outra comunicação mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro, Record.
- LUHMANN, N. 2000. *La realidad de las masas*. México, Anthropos Edit.
- MCCHESENEY, R.W. 2001. *Mídia global, neoliberalismo e imperialismo*. in MARTÍN-BARBERO, Jesús . Dos Meios às Mediações – Comunicação, Cultura e Hegemonia. UFRJ, 2ª ed., Rio de Janeiro, 2001.
- MCCHESENEY, R.W. 2000. *Transformaciones Comunicativas y tecnológicas de lo público*. V Encontro Iberoamericano del Tercer Sector "Lo publico: una pregunta desde la sociedade civil" , Cartagena, 31 del octubre al 2 de noviembre de 2000.
- MATA, M.C. 1997. (coord.). *Mulher e rádio popular*. ALER-Brasil/Paulinas, São Paulo, SP.
- MATA, M.C. 2003. *Rádios e públicos populares*. Xerox, Unisinos.
- MATTELART, A. 2002. *História da Utopia Planetária – da cidade profética à sociedade global*. Porto Alegre, Editora Sulina.
- RIBEIRO, N.M.B. 2000. *As contra-estratégias de comunicação do Orçamento Participativo do Rio Grande do Sul – 1999-2000*. Dissertação de Mestrado. Unisinos.
- SANTOS, B.S. 2001. *Crítica da Razão Indolente*. Cortez, 3ª ed., Vol 1. São Paulo.
- SANTOS, M. 2004. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo, Edusp.
- VILLASANTE, T.R. 2002. *Redes e Alternativas Estratégias e estilos criativos na complexidade social*. Petrópolis, RJ, Vozes.
- YUNUS, M. 2002. *O Banqueiro dos Pobres*. São Paulo, Ática.
- SITES PESQUISADOS:
- PAULA, É.L.P. 2001. in Artigo: *Fundamentos biológicos da mente e do conhecimento e suas implicações nas ciências humanas – 2001* –[http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/erico\\_lopes.htm](http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/erico_lopes.htm) visitado 23/02/2006
- Revista OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, Vol. VIII, nº1, 2002, pp.40-53  
<http://www.scielo.br/pdf/op/v8n1/14873.pdf> - visitado em 20/01/2006
- SASSEN, S. 2006. <http://www.mujeresdeempresa.com/portugues/actualidad/actualidad030801.htm> - visitado em 21/01/2006
- WHITAKER, F. 2002. O que são redes? artigo in site Internet [www.economiasolidaria.com.br](http://www.economiasolidaria.com.br), 1999. visitado em 20/11/2002

[www.abrasce.com.br](http://www.abrasce.com.br) – visitado em 23/02/2006

[www2.uol.com.br/guiapoa/servicos/shoppings.htm](http://www2.uol.com.br/guiapoa/servicos/shoppings.htm) visitado em 23/02/2006

[www.leather.com](http://www.leather.com) visitado em 22/02/2006

[www.rits.org.br](http://www.rits.org.br) visitado em 22/02/2006